



ISSN: 2310-0036

Vol. 4 | Nº. 16 | Ano 2025

Quiramba Abacar

Universidade Católica de
Moçambique

qabacar@ucm.ac.mz



Rua: Comandante Gaivão nº 688

C.P.: 821

Website: <http://www.ucm.ac.mz/cms/>

Revista: <http://www.reid.ucm.ac.mz>

Email: reid@ucm.ac.mz

Tel.: (+258) 23 324 809

Fax: (+258) 23 324 858

Beira, Moçambique

O papel socioeconómico do xitique em grupos informais de poupança: Um estudo do caso no bairro de Carrupeia, Município de Nampula.

The socioeconomic role of the xitique in informal savings groups: a case study of the neighbourhood of Carrupeia, Municipality of Nampula.

RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa realizada no âmbito do programa de mestrado em Administração e Gestão de Negócios, oferecido pela Faculdade de Educação e Comunicação da UCM. O tema central desta pesquisa é "O Papel Socioeconómico do Xitique em Grupos Informais de Poupança". O principal objetivo da pesquisa foi analisar o contributo dos grupos de poupança xitique para o desenvolvimento socioeconómico das famílias no sector informal, especificamente no Bairro de Carrupeia. A pesquisa foi conduzida no Bairro de Carrupeia entre Novembro de 2023 à Fevereiro de 2024, utilizando uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. Para a colecta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 participantes. A análise e interpretação dos resultados foram realizadas por meio da análise de conteúdo. Os resultados da pesquisa indicam que a integração dos cidadãos nas actividades dos grupos de poupança xitique contribui significativamente para a melhoria das condições de vida dos membros. Em suma, a pesquisa evidencia a importância dos grupos de poupança informais como instrumentos de desenvolvimento socioeconómico nas comunidades.

Palavras-chave: Grupos informais de poupança, Poupança xitique, Desenvolvimento socioeconómico.

Abstract

This work results from research carried out within the scope of the master's program in Business Administration and Management, offered by the Faculty of Education and Communication of UCM. The central theme of this research is "The Socioeconomic Role of Xitique in Informal Savings Groups". The main objective of the research was to analyze the contribution of the Xitique savings groups to the socioeconomic development of families in the informal sector, specifically in the Carrupeia neighborhood. The research was conducted in the Carrupeia neighborhood between November 2023 and February 2024, using a qualitative case study approach. For data collection, semi-structured interviews were conducted with 10 participants. The analysis and interpretation of the results were carried out through content analysis. The results of the survey indicate that the integration of citizens in the activities of the Xitique savings groups contributes significantly to the improvement of the living conditions of the members. In summary, the research highlights the importance of informal savings groups as instruments of socioeconomic development in communities.

Keywords: Informal savings groups, Xitique savings, Socioeconomic development.

Introdução

Actualmente, indivíduos de diferentes idades desenvolvem actividades empreendedoras, utilizando a poupança em pequenos grupos. Historicamente, diversos autores têm analisado o empreendedorismo, identificando-o como um agente potenciador do equilíbrio económico. Carrilho e Teyssier (2011) afirmam que o desenvolvimento ocorre de forma mais acelerada e sustentável em comunidades com aplicações consistentes de poupança. A poupança pode ser fortalecida por meio da educação familiar e dos círculos sociais adjacentes.

Rosário (2020) destaca que as ASCAS (Grupos de Poupança Acumulativas ou Rotativas) representam uma forma estruturada de progresso nas tradições de ensino e aprendizagem de boas práticas de gestão de recursos financeiros na sociedade, tendo como base os grupos conhecidos como “Xitique” ou outras denominações regionais. Esses grupos têm gerado resultados positivos em várias regiões de Moçambique, permitindo que as famílias melhorem suas condições de vida, garantam a educação dos filhos e expandam seus negócios.

De acordo com Helmore (2009, cit. em Ali et al., 2014), a criação de grupos de poupança em Moçambique começou na década de 90, visando promover o acesso a dinheiro da população de baixa renda e excluída do serviço financeiro formal, especialmente entre as mulheres (p. 139). No contexto actual, existem mais de 30 operadores de grupos de poupança e crédito no país, incluindo organizações não governamentais, organizações governamentais e promotores independentes, que utilizam diferentes metodologias e objectivos (Athmer, 2013, citado em Ali et al., 2014, p. 139).

Os jovens do Bairro de Carrupeia investem no empreendedorismo, apoiando-se na poupança em pequenos grupos denominada xitique. A maioria desses jovens possui nível básico, médio até superior, e alguns trabalham em outras instituições, enquanto uma parte é desempregada e desenvolve negócios informais. Segundo Cruz (2005), a prática do xitique é uma alternativa viável para adquirir bens duráveis em curto espaço de tempo, pois facilita o acesso rápido ao crédito em comparação ao sector financeiro formal, devido à confiança que os participantes depositam no esquema.

De Vletter, Launchande e Infante (2009, cit. em Nhatsave, 2011), apontam que:

“actualmente apenas 22,2% da população tem acesso a pelo menos um dos serviços financeiros disponíveis. Dentre estes, 14,6% utiliza serviços financeiros informais para fins de poupança, uma vez que os produtos oferecidos pelos bancos não são acessíveis. Desses, 5,7% dos adultos recorrem ao xitique para gerenciar suas poupanças, especialmente para enfrentar emergências ou expandir negócios” (p. 3).

A análise aprofundada dessas dinâmicas é crucial para entender seu impacto no desenvolvimento socioeconómico das comunidades.

A pergunta central deste estudo visa investigar de que forma os grupos de poupança xitique constituem uma oportunidade para o desenvolvimento socioeconómico das famílias no contexto do sector informal. Para dar resposta a esta pergunta, a pesquisa tem como objectivo

geral analisar o contributo dos grupos de poupança xitique para o desenvolvimento socioeconómico das famílias no contexto do sector informal, identificando as estratégias utilizadas pelos participantes na gestão dos valores adquiridos e avaliando os efeitos que a prática de poupança xitique produz na situação socioeconómica dos envolvidos.

Revisão de Literatura

Microfinanças e Microcrédito

As microfinanças surgem como um conjunto de serviços que inclui poupança, crédito e seguros, destinados a indivíduos de baixa renda tradicionalmente excluídos do sistema bancário formal (Nchter, Goldmark & Fiori, 2002, cit. em Fumo, 2015). Em sua fase inicial, no século XIX, eram concebidas como políticas sociais do estado, através de créditos subsidiados, frequentemente condicionados a interesses políticos (Santos, 2000, cit. em Macamo, 2012).

Na década de 1970, esse paradigma se alterou com a emergência do microcrédito como instrumento de combate à pobreza. O caso mais emblemático foi o modelo criado por Muhamad Yunus em Bangladesh, em 1976, que posteriormente deu origem ao Grameen Bank. Esse modelo passou a oferecer pequenos empréstimos a pessoas sem acesso ao crédito bancário, privilegiando sobretudo mulheres e pequenos empreendedores locais (Psico, 2009).

O microcrédito, segundo Ledgerwood (1998), Santos & Corrion (2009) e Afonso & Fernandes (2005), caracteriza-se pelo seu carácter inclusivo, podendo assumir modalidades colectivas – baseadas no aval solidário do grupo – ou individuais, sempre com foco na promoção de micro-empresendimentos e geração de renda. Apesar disso, Gonzalez (2000) alerta que muitos programas de microcrédito fracassaram devido à má utilização dos serviços, problemas de gestão e elevada taxa de inadimplência.

Economia Social e Solidária

O conceito de economia social e solidária emerge como contraponto ao modelo económico exclusivamente capitalista, buscando subordinar a actividade económica às dimensões sociais e culturais. Trata-se de um movimento voltado para a cooperação, inclusão social, autogestão e promoção da dignidade humana (França Filho, 2002; Andion, 2002, cit. em Silva Júnior, 2006).

Segundo Marais (2007), esse modelo pode ser visto como uma estratégia de desenvolvimento que valoriza práticas colectivas e a redistribuição de benefícios dentro da comunidade. No caso moçambicano, práticas como os grupos de poupança rotativa inserem-se nessa lógica, pois representam formas de organização popular que visam não apenas ganhos económicos, mas também o fortalecimento da solidariedade comunitária.

Poupança e Grupos de Poupança Rotativa

A poupança, definida como a parte da renda não consumida, pode assumir dimensões privadas, públicas ou externas (Abreu & Danzi, 2004; Samuelson & Nordhaus, 2010). Nos contextos de vulnerabilidade social, a poupança tende a ser colectiva e comunitária, como ocorre nos Grupos de Poupança e Crédito Rotativo (GPCRs).

Estudos de Allen & Staehle (2011) e Massarongo et al. (2013) mostram que tais grupos têm impacto positivo em comunidades africanas, promovendo acesso a recursos financeiros, segurança alimentar, investimento em habitação e educação, além de fortalecer laços de confiança. Em Moçambique, os GPCRs têm sido uma alternativa importante frente à exclusão bancária, principalmente em zonas rurais e mercados informais (Trindade, 2015; Carrilho & Teyssier, 2011, cit. em Rosário, 2020).

O xitique como Prática Endógena

O xitique é uma forma tradicional de poupança rotativa, amplamente praticada em Moçambique. Caracteriza-se por contribuições regulares de um grupo de pessoas, que recebem o montante acumulado em sistema de rotação. Trata-se de uma prática endógena, anterior à disseminação dos programas formais de microcrédito no país (Casemiro, 2015).

Segundo Alberto (2016), o xitique não apenas promove a poupança e o investimento, mas também actua como uma rede de solidariedade que apoia seus membros em momentos de crise. Outros estudos (Silva, 2003; Trindade, 2011; Ali, 2014) reforçam que essa prática permanece relevante justamente pela sua simplicidade, flexibilidade e adaptação à realidade dos comerciantes informais e famílias de baixa renda.

O xitique, portanto, cumpre uma dupla função: (i) financeira, ao criar liquidez e capital de giro para pequenos negócios; e (ii) social, ao reforçar vínculos de confiança e reciprocidade comunitária.

Empreendedorismo e Desenvolvimento Local

O empreendedorismo, associado à inovação e ao aproveitamento de oportunidades, é visto como motor de desenvolvimento económico (Hisrich, 1986; Dolabela, 1999; Dornelas, 2005). No contexto moçambicano, o xitique tem servido como base de financiamento de pequenos negócios, funcionando como capital inicial para comerciantes informais investirem em bancas, mercearias e pequenos serviços.

Assim, ele contribui para o desenvolvimento local, entendido não apenas como crescimento económico, mas também como melhoria das condições de vida, redução da pobreza e aumento das liberdades individuais (Todaro & Smith, 2009; Sen, 2000).

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como qualitativo, do tipo descritivo e orientado pelo método de estudo de caso. A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar a compreensão aprofundada dos significados atribuídos pelos participantes ao fenómeno estudado (Lakatos & Marconi, 1995; Richardson, 2010; Zanella, 2011).

Quanto aos procedimentos técnicos, adoptou-se o estudo de caso (Baranano, 2008; Vilelas, 2009), por permitir uma análise contextualizada e detalhada da realidade social em investigação.

Os participantes foram seleccionados de forma não probabilística por conveniência (Hill, 2012), considerando a sua experiência e inserção no contexto estudado (Ibraimo, 2014).

Para a recolha de dados, utilizou-se principalmente a entrevista semiestruturada, por possibilitar flexibilidade na interacção com os entrevistados sem perder o foco no objecto de estudo (Afonso, 2014; Sousa & Baptista, 2016). Todas as entrevistas foram realizadas com consentimento informado, respeitando princípios éticos como anonimato e confidencialidade.

A análise dos dados seguiu os procedimentos da análise de conteúdo, incluindo pré-análise, codificação, categorização e interpretação (Amado, 2014; Marconi & Lakatos, 2007). Esse processo permitiu identificar padrões, significados e relações relevantes para compreender o fenómeno em estudo.

Resultados e Discussão

A presente seção apresenta os principais achados da pesquisa realizada com os membros do grupo de poupança informal (xitique) no mercado de Carrupeia, na cidade de Nampula. A análise foi organizada em três dimensões: (i) estratégias de gestão da poupança; (ii) práticas de funcionamento; e (iii) efeitos socioeconómicos sobre os participantes. A discussão baseia-se tanto nos dados empíricos como no diálogo com a literatura sobre poupança rotativa e economia informal em Moçambique e em contextos semelhantes.

Estratégias de gestão da poupança

Os resultados demonstram que a gestão da poupança nos grupos de xitique está fortemente enraizada em laços de confiança, amizade e vizinhança. A selecção dos membros é feita com base em afinidade e credibilidade social, o que substitui a necessidade de contractos formais ou documentos legais. Essa característica é coerente com o que afirma Ibraimo (2014), ao destacar que nas pesquisas qualitativas sobre finanças comunitárias, a confiança constitui-se como capital social fundamental.

Em termos de aplicação do fundo, os participantes relataram que o dinheiro recebido é, em grande medida, reinvestido em seus negócios — sejam elas bancas de produtos alimentares, mercearias ou venda de roupas e capulanas. Uma comerciante, por exemplo, afirmou: *“Quando recebo o dinheiro, compro mais mercadorias para aumentar minha banca. Assim consigo vender mais e sustentar meus filhos”* (Entrevistada E6). Esse padrão reforça a função do xitique como mecanismo de expansão de micro-empresendimentos.

Além do investimento, parte dos recursos também é canalizada para despesas domésticas, pagamento de propinas escolares e cuidados de saúde. Nesse sentido, o xitique funciona como uma rede de segurança social, substituindo o crédito bancário ao qual os comerciantes dificilmente têm acesso devido a exigências burocráticas e falta de garantias.

Práticas de funcionamento

O funcionamento do grupo é relativamente informal, mas obedece a regras implícitas. As contribuições são feitas em prazos previamente acordados, e os registros ficam sob responsabilidade do chefe do grupo. Apesar da ausência de regulamentos escritos, os

depoimentos indicam um elevado nível de disciplina e comprometimento, já que o descumprimento comprometeria não apenas a reputação do indivíduo, mas também a estabilidade do grupo.

Os entrevistados destacaram que, em emergências, podem solicitar empréstimos sem juros a partir de uma poupança anual que o grupo mantém. Essa flexibilidade é vista como uma das maiores vantagens do sistema, pois permite respostas rápidas a eventos inesperados, como doenças ou funerais. Um dos entrevistados afirmou: *“Aqui ninguém precisa ir ao banco; se faltar dinheiro, pedimos ao grupo e depois devolvemos sem juros”* (Entrevistado E3).

A principal dificuldade identificada pelos participantes é a espera pelo ciclo rotativo para voltar a ter acesso ao fundo. Essa limitação gera frustração, sobretudo para aqueles que necessitam investir rapidamente em mercadorias. Como afirma Miles e Huberman (1994, citados em Vilelas, 2009), a generalização a partir de um único caso deve ser feita com cautela; no entanto, neste contexto, evidencia-se que o carácter rotativo do xitique, embora útil, limita a liquidez imediata dos comerciantes.

Efeitos socioeconómicos

Do ponto de vista socioeconómico, os efeitos do xitique são amplamente positivos. Todos os participantes relataram melhorias nas suas condições de vida após ingressar no grupo. As melhorias incluem a ampliação ou reforço das suas habitações, aquisição de electrodomésticos, pagamento de propinas escolares e fortalecimento do capital de giro para suas bancas.

Uma entrevistada relatou: *“Foi graças ao xitique que consegui comprar chapas de zinco para minha casa. Sem isso, estaria ainda com palha”* (Entrevistada E9). Outro comerciante destacou: *“Agora já consigo comprar mercadoria em maior quantidade e vender mais barato; isso atrai clientes”* (Entrevistado E4).

Além dos ganhos económicos, o xitique fortalece laços sociais e comunitários. O grupo não se resume a um mecanismo financeiro, mas também constitui uma rede de solidariedade, confiança e apoio mútuo. Esse aspecto social aproxima-se da ideia de “economia solidária” (Singer, 2002), na qual o objectivo não é apenas a acumulação de capital, mas também a construção de vínculos sociais e a promoção da dignidade colectiva.

Em termos de desvantagens, a principal é a rigidez do ciclo de pagamento, que pode dificultar a resolução de problemas imediatos. Ainda assim, os entrevistados reconhecem que as vantagens superam as limitações, já que o xitique representa uma alternativa viável frente à exclusão bancária.

Discussão com a literatura

Os achados deste estudo dialogam com investigações sobre mecanismos financeiros informais em Moçambique e outros países africanos. Conforme afirma Vilelas (2009), estudos de caso em finanças comunitárias demonstram que esses sistemas, embora criticados pela informalidade, são eficazes para suprir falhas do mercado financeiro formal.

De modo semelhante, a análise mostra que o xitique desempenha uma dupla função: financeira (possibilitando poupança, crédito e investimento) e social (reforçando a coesão comunitária). Essa constatação reforça o argumento de que os sistemas de poupança rotativa devem ser valorizados não apenas como estratégias de sobrevivência, mas também como formas alternativas de desenvolvimento local (Ardener & Burman, 1995).

Considerações finais

Os resultados evidenciam que o xitique do mercado de Carrupeia constitui uma prática financeira fundamental para os pequenos comerciantes locais. Através dele, os participantes têm acesso a capital para investimento, melhoram as condições de vida das suas famílias e fortalecem as suas relações sociais.

Embora apresente limitações, como a espera pelo ciclo rotativo e a ausência de formalização legal, o xitique mostra-se resiliente e eficaz como mecanismo de inclusão financeira. Mais do que um simples sistema de poupança, ele representa um espaço de solidariedade e cooperação, contribuindo para a redução da vulnerabilidade económica no sector informal.

Portanto, conclui-se que o xitique deve ser reconhecido como uma prática socioeconómica relevante e sustentável, com potencial para inspirar políticas públicas que articulem o sector informal às estratégias de desenvolvimento comunitário em Moçambique.

Referências bibliográficas

- Abreu, M., & Danzi, F. (2004). *Macroeconomia*. Lisboa, Portugal: McGraw-Hill.
- Afonso, M. (2014). *Metodologia da investigação científica*. Lisboa, Portugal: Escolar Editora.
- Alberto, A. (2016). O papel do xitique no fortalecimento da poupança comunitária em Moçambique. *Revista Moçambicana de Estudos Sociais*, 2(1), 55-70.
- Ali, S. (2014). *Práticas financeiras informais em Moçambique*. Maputo, Moçambique: UEM.
- Ilen, H., & Staehle, M. (2011). *Village savings and loan associations: programme guide*. Washington, DC: CARE International.
- Amado, J. (2014). *Investigação qualitativa na educação*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Andion, C. (2002). Economia solidária: práticas alternativas de organização económica. In J. França Filho (Org.), *Economia solidária: experiências e desafios* (pp. 47-64). Porto Alegre, Brasil: UFRGS.
- Ardener, S., & Burman, S. (1995). *Money-go-rounds: the importance of rotating savings and credit associations for women*. Oxford, United Kingdom: Berg.
- Athmer, G. (2013). *Financial inclusion in Mozambique*. Maputo, Moçambique: GIZ.
- Baranano, A. (2008). O estudo de caso como estratégia de investigação. *Revista de Investigação em Ciências Sociais*, 4(2), 97-115.
- Carrilho, J., & Teyssier, B. (2011). Grupos de poupança comunitária: uma alternativa de inclusão financeira em Moçambique. *Revista de Desenvolvimento Rural*, 5(1), 22-39.
- Casemiro, J. (2015). O xitique e as práticas endógenas de poupança em Moçambique. *Revista Científica da UEM*, 3(2), 77-89.
- Cruz, L. (2005). Xitique: uma alternativa de financiamento comunitário em Moçambique. *Revista Estudos de Desenvolvimento Local*, 2(1), 33-49.
- De Vletter, F., Launchande, A., & Infante, R. (2009). Financial inclusion and the informal sector in Mozambique. In J. Nhatsave (Org.), *Finanças populares em Moçambique* (pp. 1-22). Maputo, Moçambique: Universidade Eduardo Mondlane.
- Dolabela, F. (1999). *O segredo de Luísa: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa*. São Paulo, Brasil: Cultura Editores Associados.
- Dornelas, J. (2005). *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro, Brasil: Elsevier.
- Fumo, C. (2015). *Microfinanças e inclusão financeira em Moçambique*. Maputo, Moçambique: Escolar Editora.
-

- França Filho, J. (2002). A economia solidária: Uma abordagem alternativa de desenvolvimento local. In J. França Filho (Org.), *Economia solidária: experiências e desafios* (pp. 15-46). Porto Alegre, Brasil: UFRGS.
- Gonzalez, V. (2000). O fracasso de programas de microcrédito em África: causas e lições. *Revista de Microfinanças Africanas*, 1(1), 9-25.
- Helmore, K. (2009). Grupos de poupança em Moçambique: Desafios e oportunidades. In S. Ali, J. Nhatsave & R. Vilanculos (Orgs.), *Inclusão financeira em África* (pp. 135-152). Maputo, Moçambique: CESE.
- Hill, M. (2012). Métodos de amostragem não probabilística: vantagens e limitações. *Revista de Investigação Social*, 3(1), 45-52.
- Hisrich, R. (1986). *Entrepreneurship: Starting, developing, and managing a new enterprise*. Boston, MA: Irwin.
- Ibraimo, A. (2014). Metodologia qualitativa: Reflexões sobre amostra e participantes. *Revista Científica da UEM*, 5(1), 87-95.
- Lakatos, E., & Marconi, M. (1995). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo, Brasil: Atlas.
- Ledgerwood, J. (1998). *Microfinance handbook: an institutional and financial perspective*. Washington, DC: World Bank.
- Macamo, E. (2012). As políticas sociais em Moçambique: continuidades e rupturas. *Revista Moçambicana de Ciências Sociais*, 6(2), 15-32.
- Marais, H. (2007). Economia solidária e desenvolvimento comunitário. *Revista de Desenvolvimento Local*, 4(2), 59-74.
- Marconi, M., & Lakatos, E. (2007). *Metodologia do trabalho científico* (7ª. ed.). São Paulo, Brasil: Atlas.
- Massarongo, F., Ali, S. & Vilanculos, R. (2013). Os grupos de poupança e a inclusão financeira em Moçambique. *Revista Moçambicana de Economia*, 8(2), 99-121.
- Nhatsave, J. (2011). Finanças populares em Moçambique: Práticas, desafios e perspectivas. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- Psico, C. (2009). O microcrédito e o desenvolvimento comunitário em África. *Revista de Estudos Africanos*, 2(1), 22-40.
- Richardson, R. (2010). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo, Brasil: Atlas.
- Rosário, C. (2020). Grupos de poupança em Moçambique: impactos socioeconómicos. *Revista Moçambicana de Ciências Sociais*, 12(1), 55-72.
- Samuelson, P. & Nordhaus, W. (2010). *Economia* (19ª. ed.). Lisboa, Portugal: McGraw-Hill.
- Sen, A. (2000). *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

- Silva, A. (2003). O xitique como forma de inclusão financeira em Moçambique. *Revista Moçambicana de Sociologia*, 2(1), 25-44.
- Silva Júnior, J. (2006). Economia solidária: Uma abordagem crítica. *Revista de Ciências Sociais*, 7(1), 15-34.
- Singer, P. (2002). *Introdução à economia solidária*. São Paulo, Brasil: Fundação Perseu Abramo.
- Sousa, C., & Baptista, M. (2016). *Metodologia da investigação científica em ciências sociais*. Lisboa, Portugal: Pactor.
- Todaro, M. & Smith, S. (2009). *Economic development* (10th. ed.). Boston, MA: Addison Wesley.
- Trindade, J. (2011). Poupança informal e desenvolvimento em Moçambique. *Revista de Estudos Rurais*, 4(2), 77-92.
- Trindade, J. (2015). Grupos de poupança em Moçambique: experiências e perspectivas. *Revista Moçambicana de Ciências Económicas*, 9(1), 66-88.
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: o processo de construção do conhecimento*. Lisboa, Portugal: Sílabo.
- Zanella, A. (2011). Pesquisa qualitativa em ciências sociais. *Revista de Estudos em Educação*, 7(2), 45-58.
-